

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: a ciência do bem-estar / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-760-4

DOI 10.22533/at.ed.604212801

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A definição de saúde pela Organização Mundial da Saúde se apresenta como um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Dentro dessa perspectiva a Psicologia, como uma ciência do psiquismo, se estrutura em torno da ideia de promover, nos mais variados modos de atuação, um estado de saúde a de no indivíduo e na sociedade.

A Coleção *Psicologia: A Ciência do Bem-Estar* conta com 26 artigos nos quais os autores abordam diversas contribuições da Psicologia à saúde mental e social do sujeito humano.

Nos Capítulos 1 ao 4 os autores discorrem a partir da criação freudiana uma análise do supereu em personagens cinematográficos; discutem a questão do apagamento da mulher lésbica que a estrutura patriarcal e heteronormativa impõe; abordam a causa de algumas marcas que resultam em sofrimento psíquico como a depressão, a drogadição e a autolesão; e evidenciam o estado da sociedade brasileira tomando o cenário atual do Coronavírus (COVID-19) pela marca do desamparo e negacionismo.

Nos Capítulos 5 ao 7 as práticas do atendimento psicológico são levadas à reflexão. Diante do isolamento, se coloca em questão o atendimento online que apresenta muito desafios, além da própria relação médico-paciente nessa modalidade de telemedicina. Retomando o habitual, tem-se a discussão do diagnóstico numa perspectiva mais humanista.

O social entra em questão nos Capítulos 8 ao 14. As discussões abordam a criminalização e uma espécie de contraviolência dirigida à figura do bandido; a proposta de clínica ampliada como medida social de reintegração à população em situação de rua; a discussão sobre os possíveis efeitos do aborto à saúde mental da mulher; a percepção da adolescência pela família, nas questões de iniciação sexual, autolesão, sobrepeso; as contribuições da psicologia na avaliação quanto ao porte de arma; e o impacto subjetivo do diagnóstico do diabetes *mellitus* gestacional.

Nos Capítulos 15 ao 20 é a infância que é tomada como objeto. As pesquisas vão ao encontro das questões do desenvolvimento humano, desde a possibilidade de reabilitação neuropsicológica em crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo; a relação de hierarquia da parentalidade; a importância da ludicidade no desenvolvimento infantil; o manejo dos Transtornos de Neurodesenvolvimento; a relação das crianças na construção do espaço que vivem; e os fatores de risco para o desenvolvimento de Personalidade Antissocial.

Os últimos Capítulos, do 21 ao 26, são agrupados os trabalhos que abordam técnicas e perspectivas para a promoção do bem-estar. Tem-se a Perspectiva Temporal e a Regulação Emocional; o Colóquio Relacional e o Genograma; o trabalho com a resiliência e

o autocuidado; a busca da felicidade pelo autoconhecimento; o aconselhamento psicológico; e o método restaurativo na saúde mental.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE AS DIMENSÕES DO SUPEREU EM TRÊS PERSONALIDADES FÍLMICAS

Débora dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.6042128011

CAPÍTULO 2..... 12

PATRIARCADO, HETERONORMATIVIDADE E TABU: O APAGAMENTO SOCIAL DA MULHER LÉSBICA

Ingrid Freitas da Silva

Raquel Lisboa Tinoco Braga

Erika Conceição Gelenske Cunha

DOI 10.22533/at.ed.6042128012

CAPÍTULO 3..... 26

AETIOLOGIA PSÍQUICA DAS FORMAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO CONTEMPORÂNEO: DEPRESSÃO, RECURSO À DROGA E AUTOLESÃO

Claudia Henschel de Lima

Julia da Silva Cunha

Maria Stela Costa Vliese Zichtl Campos

Thalles Cavalcanti dos Santos Mendonça Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.6042128013

CAPÍTULO 4..... 39

PSICANÁLISE E POLÍTICA: ANÁLISE DO DESAMPARO E O NEGACIONISMO NO CENÁRIO DO CORONAVÍRUS (COVID-19)

Everaldo dos Santos Mendes

Amanda Marques Pimenta

Alex Junio Duarte Costa

DOI 10.22533/at.ed.6042128014

CAPÍTULO 5..... 56

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ONLINE: PERSPECTIVAS E DESAFIOS ATUAIS DA PSICOTERAPIA

Adriana Barbosa Ribeiro

Luciane Patrícia Dias da Silva Eliane

Patrícia Ulkovski

DOI 10.22533/at.ed.6042128015

CAPÍTULO 6..... 65

A RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE: PRINCÍPIOS ÉTICOS E SITUAÇÕES-PROBLEMA

Rafael Nogueira Furtado

Isabela Maria Oliveira Souza

DOI 10.22533/at.ed.6042128016

CAPÍTULO 7.....	74
O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA SOBRE O DIAGNÓSTICO	
Ana Paula de Souza Ferreira Esquivel	
Renato Martins Ribeiro	
Erika Gelenske	
DOI 10.22533/at.ed.6042128017	
CAPÍTULO 8.....	92
O QUE O ÓDIO AO(À) 'BANDIDO(A)' TEM A DIZER SOBRE A SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	
Gabriela Araújo Fornari	
Sylvia Mara Pires de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.6042128018	
CAPÍTULO 9.....	103
GRUPO DE APOIO NA CLÍNICA AMPLIADA PARA OS USUÁRIOS DO CENTRO POP	
Karine da Cunha Leou	
Marcos Moraes de Mendonça	
Kelly Cristina Borges da Silva	
Andressa Maria de Oliveira	
Fabiana Cabral Gonçalves	
Meire Perpétua Vieira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6042128019	
CAPÍTULO 10.....	116
OS POSSÍVEIS EFEITOS DO ABORTO NA SAÚDE MENTAL DA MULHER BRASILEIRA E O PAPEL DA PSICOLOGIA	
Erika Conceição Gelenske Cunha	
Karina Nunes Tavares Martins	
Simone Langanó Figueredo	
DOI 10.22533/at.ed.60421280110	
CAPÍTULO 11.....	127
AVALIAÇÃO PARA CIRURGIA BARIÁTRICA EM ADOLESCENTE COM SOBREPESO	
Fernanda Gonçalves da Silva	
Rosicleide Araujo	
Natália Nunes	
Joice Barbosa	
Joice Reis	
DOI 10.22533/at.ed.60421280111	
CAPÍTULO 12.....	138
A CONTRIBUIÇÃO DO PSICÓLOGO PARA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA AO PORTE E POSSE DE ARMA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Marcela Vieira de Freitas	
Michele Francisca Anteportam dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.60421280112	

CAPÍTULO 13	160
IMPACTO SUBJETIVO DO DIAGNÓSTICO DO DIABETES MELLITUS GESTACIONAL	
Mariana da Silva Pereira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.60421280113	
CAPÍTULO 14	184
REABILITAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA – TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) COM COMORBIDADE DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI)	
Juliana Corrêa da Silva	
Jessica Layanne Sousa Lima	
Thais de Lima Alves Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.60421280114	
CAPÍTULO 15	197
HIERARQUIA DA PARENTALIDADE E POSSÍVEIS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO	
Glauce Fonseca Bragança	
Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.60421280115	
CAPÍTULO 16	210
A IMPORTÂNCIA DO ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO NO TRATAMENTO DE DOENÇAS CRÔNICAS	
Daniele Amarilha Vioto	
Thalia Zadroski	
DOI 10.22533/at.ed.60421280116	
CAPÍTULO 17	214
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL PARA O MANEJO DOS TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO	
Rafael Nogueira Furtado	
Juliana Aparecida de Oliveira Camilo	
DOI 10.22533/at.ed.60421280117	
CAPÍTULO 18	221
CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS: TECENDO EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DO BAIRRO	
Zuleica Pretto	
Letícia Teles de Sousa Renata	
Políodoro Aguiar	
Tatiane Garceis dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.60421280118	
CAPÍTULO 19	236
“DE QUEM É A CULPA?” FATORES DE RISCOS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL	
Yloma Fernanda de Oliveira Rocha	
Élida da Costa Monção	

Ruth Raquel Soares de Farias
DOI 10.22533/at.ed.60421280119

CAPÍTULO 20.....253

PERSPECTIVA TEMPORAL E REGULAÇÃO EMOCIONAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Carlos Eduardo Nórté
Richard dos Santos Ferreira
Luan Felipe de Sousa Dantas

DOI 10.22533/at.ed.60421280120

CAPÍTULO 21.....263

DO COLÓQUIO RELACIONAL E O GENOGRAMA: INSTRUMENTOS PARA UMA ENTREVISTA CLÍNICA

Emilio-Ricci

DOI 10.22533/at.ed.60421280121

CAPÍTULO 22.....277

RESILIENCIA Y AUTOCUIDADO: MIRADA Y ESTRATEGIA PARA UNA VIDA PLENA

Nestor Reyes Rubio

DOI 10.22533/at.ed.60421280122

CAPÍTULO 23.....281

CONHECE-TE A TI MESMO E SÊ FELIZ!

Carlos Fernando Barboza da Silva

DOI 10.22533/at.ed.60421280123

CAPÍTULO 24.....292

A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES LÚDICAS NA FORMAÇÃO HUMANA

Ezequiel Martins Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.60421280124

CAPÍTULO 25.....303

MÉTODO RESTAURATIVO E SAÚDE MENTAL: TEMPO, TOQUE, AFETO E DIÁLOGO EM GRUPOS COM DE FADIGA DE EMPATIA

Miila Derzett
Felipe Brognoli

DOI 10.22533/at.ed.60421280125

SOBRE O ORGANIZADOR.....318

ÍNDICE REMISSIVO.....319

CAPÍTULO 18

CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS: TECENDO EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DO BAIRRO

Data de aceite: 01/02/2021

Data de submissão: 06/11/2020

Zuleica Pretto

Docente na Universidade do Sul de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/7284004284209233>

Letícia Teles de Sousa

Universidade do Sul de Santa Catarina
Rio do Sul, Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/2510054208376463>

Renata Polidoro Aguiar

Universidade do Sul de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/2462436774799213>

Tatiane Garceis dos Santos

Universidade do Sul de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/6815589057279912>

RESUMO: A partir do projeto intitulado “Pescadores de Cultura Os Sentidos da Infância no Território da Costa do Sol Poente”, efetivado em Florianópolis, realizamos uma pesquisa com crianças residentes nesta região. Fomos mobilizadas pelo interesse em identificar as principais mediações encontradas pelas crianças no espaço de seu bairro. Participaram deste estudo 12 crianças, estudantes do ensino fundamental de uma escola pública municipal, com idade entre oito e nove anos, pertencentes a camadas populares e, em sua maioria, a famílias

nativas. Inspiradas nos princípios da etnografia efetuamos encontros com as crianças no contexto escolar e em outros espaços públicos, próximos às suas moradias. Destacamos que as crianças reconheceram a escola como um lugar importante, que possibilita o acesso à cultura e garante um futuro mais promissor; demonstraram conhecimento do espaço de seu bairro, destacando a relação com a natureza como central em suas vivências; revelaram que o cotidiano vivido no bairro, escola, vizinhança e eventos locais permitiam um sentimento de pertença, também revelado a partir de histórias acerca de moradores locais. Por outro lado, manifestaram em suas conversas o quanto são capturadas pelas mídias eletrônicas e pela ânsia pelo consumo e pelos lazeres prontos.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias, Bairro, Mediações, Existencialismo sartriano.

CHILDREN AND THEIR CHILDHOOD: FORGING EXPERIENCES IN THE NEIGHBORHOOD TERRITORY

ABSTRACT: Based on the project entitled “Fishermen of Culture The Senses of Childhood in the Territory of Costa do Sol Poente”, carried out in Florianópolis in partnership with the Associação Cultural Baiacu de Quem, we conducted a study with children living in this region. We were interested in identifying the main mediations found by children in their neighborhood space. Twelve children from an elementary municipal public school were enrolled, ages between eight and nine years old, belonging to working classes families mostly native from the region. Inspired by the principles of ethnography we meet the

children in the school space and also in public spaces in the neighborhood. We emphasize that the subjects recognize the school as an important place, which allows access to culture and to be someone in life; they demonstrated spatial knowledge of their neighborhood, highlighting the relationship with nature as central to their experiences; revealed that the daily life lived in the neighborhood, school and local events allowed the feeling of belonging, as also through stories about local residents. On the other hand, in their conversations, they expressed how much they are captured by electronic media and the eagerness for consumption and instant gratification.

KEYWORDS: Childhood, Neighborhood, Mediations, Sartrean Existentialism.

1 | INTRODUÇÃO

A partir do projeto intitulado “*Pescadores de Cultura Os Sentidos da Infância no Território da Costa do Sol Poente*”, efetivado em um bairro de Florianópolis realizamos uma pesquisa com crianças com o objetivo de reconhecer os sentidos que as crianças residentes no distrito de Santo Antônio de Lisboa atribuíam às suas vivências a partir de suas narrativas e de itinerários por elas realizados naquele território. Importante ressaltar que pensar a infância na cidade envolve perceber as relações estabelecidas com os diversos espaços físicos, sociais, culturais que incidem na construção de histórias singulares e coletivas das crianças. Sobretudo, é elemento fundamental o entendimento de que as crianças são agentes de suas trajetórias tecidas com o território, bem como de mudança nas comunidades em que vivem, conforme reflete Castro (2001).

Nesse sentido, seguindo os pressupostos do existencialismo sartriano, destacamos que para compreender a infância é importante acessar os mundos sociais nos quais as crianças circulam. De acordo com Schneider (2011, p.113-114), uma pessoa “só se humaniza por estar inserida em um mundo que lhe possibilita contornos sociais e sociológicos” e, nessa via, “não existe nenhum indivíduo que não esteja situado em um certo local, em um dado tempo, em uma certa sociedade”. Isso significa dizer que a relação que cada sujeito estabelece com o contexto em que vive se refere a uma dimensão maior, que pode ser entendida como antropológica.

É por compartilharmos de uma mesma concreticidade histórica, portanto, antropológica, que evidenciamos a capacidade de cada sujeito fazer-se como história singular, atravessado por condicionantes universais que também o tecem (SARTRE, 2002). Daquilo que é coletivo, isto é, que pode ser partilhado através dos espaços, paisagens concretas e das matizes culturais, se desenrolam biografias marcadas por formas particulares de experienciar e se apropriar do mundo.

Portanto, faz parte da constituição subjetiva de cada sujeito no mundo, um processo constante de *interiorização da exterioridade social* - das produções que são estabelecidas *a priori* à existência e, da *exteriorização da apropriação individual* - daquilo que abarca a ação de co-responsabilidade de cada sujeito no tecimento da história social. Desse

movimento, visualizamos o desenvolvimento do processo de socialização humana, em que se constituem práxis comuns de produção e apropriação dos produtos sociais, culturais e sociológicos compartilhados (SCHNEIDER, 2011).

Diante dessas relações, um tecido social é constituído por “seres que se lançam para as suas possibilidades de serem mediados pelos outros” e costuram na trama dos vínculos, condições de humanizar-se (SCHNEIDER, 2011, p. 153). Por sermos com os outros nos realizamos também através de nossas escolhas que nos lançam em direção a um horizonte de futuro e, portanto, a um projeto (SARTRE, 1987).

Sartre expressa que esse projeto é, efetivamente, um projeto-de-ser, construído a partir da história de cada sujeito e das suas interações com o mundo, ou seja, “o projeto diz respeito ao meu ser em totalidade, expressando-se em cada um dos meus atos, gestos, palavras (SCHNEIDER, 2011, p. 95). A mediação, nesse sentido, é condição fundamental para que a materialidade do mundo seja possível de ser significada no projeto-de-ser de cada um e, na especificidade do acontecimento da infância, ela é essencial para que a criança possa desbravar os espaços de seu território, apropriar-se dos hábitos locais, linguagens e signos e, sobretudo, agir de forma autônoma e participativa na realidade que faz parte.

1.1 A infância na cidade

A infância tem lugar nesta sociedade que é viva e mutante. Conforme já citava Manuel Pinto (1997) no século XX, somente a interdisciplinaridade entre as diversas áreas do conhecimento será capaz de construir uma dimensão social da infância. Cabe ressaltar, que as mudanças nas concepções de criança e infância, oriundas do século XIX, acarretaram numa conjuntura de exclusão das crianças da participação na vida pública. Elas, rotuladas como dependentes, imaturas e incapazes, foram apartadas da possibilidade de ação dentro do âmbito público e limitadas à vida privada, sob a proteção familiar (SARMENTO, FERNANDES E TOMÁS; 2007).

Isso revela que a lógica protecionista, aliada à noção desenvolvimentista do ser humano, constituiu e, ainda constitui, uma base que hierarquiza as relações estabelecidas entre adultos e crianças. Neste sentido, instituições como a família e a escola, historicamente, são colocadas como os lugares de disciplina para a infância e que são estabelecidos com o intuito de “civilizar” as crianças para se tornarem sujeitos aptos à convivência em sociedade. A escola, por exemplo, é pensada para a formação de um sujeito que consiga adquirir, progressivamente, condutas de racionalidade, autonomia para tornar-se maduro, isto é, o adulto do futuro (CASTRO, 2001).

Não se ignora a importância da escola como um local de socialização e constituição humana, uma vez que ela também promove a mediação para a alteridade e com diversos tipos de dispositivos culturais existentes no tecido social. No entanto, acreditamos que a restrição da criança ao grupo familiar e à instituição escola, assim como a desconsideração

de suas vozes e opiniões pela lógica da “incapacidade” de expressar conhecimento, ocasionam um impacto significativo na constituição subjetiva da criança. Como aponta Ceppi e Zini (2013), transitar pelos espaços públicos, para além da escola, é necessário para a construção ética e social de todo sujeito. Além de que, o reconhecimento do conhecimento articulado pela criança, no momento em que ela vive a sua infância, é garantia de cidadania.

Compreendendo que o processo de desenvolvimento da infância se dá diante de todas as relações que a criança estabelece com os outros e os objetos que a cerca e, reafirmando a sua condição de cidadã e de agente social que contribui na construção da história socialmente compartilhada, que se faz relevante refletir sobre como uma criança percebe a realidade em que vive, isto é, do seu lugar de compreensão, as narrativas singulares que se desdobram e tanto podem comunicar sobre a infância que se constitui num dado tempo-espaço. Conforme Pinto (1997), são aspectos importantes de se observar na vivência da infância, aqueles que envolvem as redes de amigos, as expressões culturais infantis, os papéis na vida doméstica, as relações estabelecidas na vida familiar, a linguagem, as influências sobre os adultos, as condições de vida (direitos adquiridos), os modos como se apropriam e dão sentido às instituições criadas para educação das crianças e diversas outras possibilidades que as próprias crianças podem anunciar, diante do contexto em que vivem.

2 | OS ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS CONSTRUÍDOS NA PESQUISA

Com o intuito de ouvir as crianças e as suas vivências no território em que residem, foi realizada uma oficina com encontros temáticos, inspirada nos princípios da etnografia, com cerca de 12 crianças estudantes de uma escola pública do bairro, majoritariamente do 4º ano do Ensino Fundamental. O grupo foi composto por aproximadamente sete meninas e cinco meninos, com idades entre 9 e 10 anos, sendo a maioria natural do município de Florianópolis, de famílias populares, nativas do bairro e residente nas proximidades da escola, apenas 3 crianças eram oriundas de outras cidades e estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Essa oficina, denominada “O nosso lugar: espaços e convívios”, incorporada como ação do projeto nº. 064/15 “Pescadores De Cultura: Construindo o Fortalecimento Cultural de Crianças e Adolescentes do Distrito de Santo Antônio de Lisboa”, teve como objetivo caracterizar as infâncias da região, pois observava-se significativas transformações nos contornos de tecimento sociológico das crianças e jovens do bairro por conta do acelerado processo de urbanização vivido na cidade.

Esta região, tem uma área territorial de 385,135 km² e uma população de 6.441 mil habitantes (IBGE, 2010). É conhecida na Ilha de Santa Catarina, como tendo o mais belo pôr do sol da região e a partir de uma cultura típica açoriana, apresenta-se como um forte centro gastronômico da cidade e com diversas vendas de artesanato local, inclusive da

famosa renda de Bilro. Assim, por um lado inclina-se para a atividade econômica focada na pesca artesanal e maricultura e, por outra, no turismo. É forte o sentido de vida comunitária nesta localidade, aspecto presente nas diversas manifestações culturais, tais como, nas festas típicas, sendo algumas conhecidas como as mais antigas da Ilha. Além disso, recebeu um número significativo de migrantes que, juntamente com a população nativa, fez do distrito uma microrregião particularmente rica e importante para a cultura popular da cidade de Florianópolis. Diante das mudanças, o referido projeto buscou refletir e articular itinerários com as crianças e jovens da região e foi uma iniciativa da Associação Cultural Baiacu de Alguém (associação civil, não governamental, que promove ações de cunho cultural e educativo na região), coordenado por Daniela Ribeiro Schneider, aprovado na Lei Municipal de incentivo à Cultura e financiado pela Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

Esta ação foi executada por três estudantes de psicologia e uma professora supervisora e buscou, a partir de narrativas e itinerários das próprias crianças, reconhecer as relações que estas estabeleciam com os diversos espaços físicos, sociais, culturais da Costa do Sol Poente (como a região é conhecida), nos quais suas histórias estavam enraizadas. Os encontros ocorreram por meio do vínculo com uma escola pública do bairro e que permitiu o contato com as crianças. Esta parceria estabelecida foi fundamental para que as oficinas acontecessem. A Diretora e também docentes dessa instituição nos receberam de modo aberto, acolhedor, facilitando os contatos com as famílias das crianças, sugerindo atividades e prestando informações sobre a rotina das crianças na escola. Além da participação nas atividades curriculares da escola, as crianças também desenvolviam atividades extracurriculares na comunidade, como aula de dança, judô, escolinha de futebol e percussão.

Foram realizadas junto às crianças encontros temáticos com periodicidade semanal, totalizando 13 encontros. Os principais temas abordados foram: famílias e moradias, espaço da escola, lazer e cultura no bairro e o futuro no bairro. Tais encontros aconteceram em locais públicos do bairro, especialmente na escola, nas salas de aula e nas dependências dessa instituição, bem como em outros espaços do bairro e região, como ruas, praias, museus, parques, etc. A duração regular das oficinas foi de 1 hora e 30min, geralmente pela manhã, entre 10h30 e 12h, no contra turno escolar. Nas ocasiões dos passeios pelo bairro as oficinas tiveram início às 8:30min, seguindo até 12h.

As técnicas utilizadas para possibilitar a realização das oficinas e o alcance dos objetivos foram as seguintes: observação-participante; rodas de conversa disparadas pelas coordenadores a partir das temáticas já especificadas, mediante indagações ou recursos áudio visuais; itinerários realizados com as crianças em seus principais espaços de circulação/ocupação no distrito do bairro; composição de materiais (cartazes, maquetes, anotações, desenhos, produções textuais junto às crianças) a partir dos temas propostos e das reflexões suscitadas; brincadeiras e registros fotográficos, em que as crianças

também foram solicitadas a registrar através de fotografias, aspectos significativos de seus cotidianos.

Todos estes recursos metodológicos, partiram das pistas de encontro que a etnografia provoca no contexto de construir conhecimento *com* as crianças, uma vez que, nessa vertente prioriza-se a proximidade, a dialogia criada com os sujeitos de pesquisa e, especificamente no caso de pesquisa com crianças, a legitimação das vozes e saberes das crianças através de outras linguagens e modos de compor o encontro. O desafio que apontam pesquisadores dessa modalidade é, de fato, a superação do pretenciosismo adultocêntrico. Comumente estabelecido em pesquisas com este público, a visão adultocêntrica pouco considera a riqueza que a infância produz e expressa sobre aquilo que vê, sente e vive (MARCHI, 2011).

Dessa forma, nossa postura, em consonância com o que Pretto (2015, p. 40) evidencia sobre a etnografia ser um caminho de encontro com as infâncias, buscou “o olhar nos olhos das crianças, escutá-las e, com o resultado dessa escuta, estabelecer uma relação com elas”, isto é, estar sensível ao modo como as crianças percebem o mundo e se percebem nele. Atentas a isso, priorizamos a utilização de **materiais** (tintas, massinha, revistas, isopor, cartolinas, lápis de cor, giz de cera, filmes, rádio-gravador e câmeras fotográficas) e de **técnicas** (inventadas ou retiradas de livros e sites), que proporcionassem a imersão no lúdico e na potência imaginativa e criadora que as crianças expressam quando são convidadas a participar.

Cada encontro teve sua particularidade, foi único pela presença das crianças e por aquilo que foi possível ser construído com elas. Não seguiram a linearidade de um roteiro estruturado *a priori* e, sim, foram produzidos em seus movimentos singulares e coletivos; na apropriação de se enxergarem como grupo que se relaciona entre suas diferenças (de gênero, interesses, vínculos afetivos), mas também na semelhança que compartilhavam: olhar para a realidade do bairro e comunicar aquilo que percebiam sobre ele. Das percepções, o grupo ia tecendo reflexões sobre as temáticas ao passo que se teciam como grupo também. Ora iam propondo um itinerário de apreensão e compreensão da materialidade do bairro e ora se envolviam com as nossas proposições de olhar para a realidade familiar deles. Em síntese, realizar as oficinas com este grupo de crianças nos mobilizou a “aprender a olhar com o olhar da criança: subversivo da ordem, que inverte a lógica”, tensiona os limites daquilo que estabelecemos e expande as possibilidades de estar junto e dialogar (KRAMER, 1997, p.81).

3 | O COTIDIANO NO BAIRRO: CASAS, FAMÍLIAS E A ESCOLA

Entender o cotidiano das crianças da pesquisa implicou levar em conta o entrelaçamento entre moradias, natureza e configurações familiares, tal como encontrado por Pretto (2015) numa etnografia realizada com crianças, também num bairro litorâneo

da ilha de Santa Catarina. O fato da maioria das famílias residir há algum tempo no bairro, ter seus parentes por perto (muitas delas vivem em terrenos compartilhados em que se distribuem várias casas de parentes), tecer laços com vizinhança, possuírem quintais e animais, tornava possível às crianças a socialização, as brincadeiras ao ar livre com irmãos, primos e vizinhos, e a própria relação de cuidados e de afeto com os animais. Ou seja, a rede de parentesco e vizinhança e o contato com a vegetação são referências significativas nas infâncias que encontramos neste território. Apenas as crianças imigrantes é que tinham uma outra configuração, pois a rede de parente era mais reduzida. Uma delas chegou a ilustrar, numa atividade de desenhar as moradias, a sua casa anterior, revelando saudade e o fato de ainda não se sentir pertencente ao novo lugar de moradia.

As famílias eram pequenas, constituídas por uma criança ou duas, acompanhando o cenário nacional em que a quantidade de filhos/as por mulher e família vem diminuindo nas últimas décadas. As crianças que tinham irmãos e irmãs costumavam citar com frequência episódios vivenciados nessa relação, tanto no que cabe ao lazer, festas, aniversários em que a família esteve envolvida, quanto no cotidiano em que percebiam a convivência com os irmãos como difícil “às vezes chata”, porque eles levavam a “culpa” quando algo acontece, gerando desacordos familiares.

Sobre a convivência com os pais, as crianças revelaram que não conversavam muito sobre a escola, os interesses e desejos, mas assistiam televisão juntos, às vezes passeavam e iam à praia em família. Pontuaram também que recebiam cobranças dos estudos e relativas ao cumprimento de atividades de casa (muitas crianças disseram que ajudavam nas tarefas domésticas, tanto meninos quanto meninas). Aparecia um certo distanciamento entre os membros familiares destas crianças.

Nesse sentido, percebe-se que, apesar de estar sempre presente na vida da criança, a família, nem sempre, parece desenvolver com ênfase o papel de mediação de seus projetos-de-ser. Este é um fenômeno comum na família a partir do momento em que ela “é corroída por uma serialidade interna, ou seja, seus membros não conseguem tecer seus projetos individuais em torno de um projeto coletivo, permanecendo uma pluralidade de solidões”, conforme aponta Schneider (2011, p. 156). Isso significa dizer, que o tecimento afetivo e de reciprocidade entre os familiares está desinvestido; desaquecido. E, por mais que compartilhassem do mesmo espaço, as crianças percebiam o quanto as relações acabavam sendo capturadas por outras necessidades: domésticas, de trabalho, consumo de tecnologias.

Sobre o cotidiano na família, em alguns momentos as crianças fizeram referências a histórias familiares e de vizinhos, que envolviam viagens (mudanças, passeios) e também do que viam sobre a violência e a polícia, em falas como “tem armas”, “está preso”, e relatos sobre a relação do bairro com as drogas, em especial, a maconha. Isso demonstra que, por mais que em alguns contextos as crianças tentem ser protegidas do que acontece

na realidade social, não é possível um isolamento, ou seja, as crianças fazem parte da mesma realidade antropológica dos adultos que com elas convivem (PRETTO, 2015).

Outro aspecto a se considerar é a localização das casas nas proximidades da escola. Isto possibilitava às crianças fazer o trajeto escola-casa/casa-escola ou andando, em geral acompanhados pelos adultos, ou de carro ou com um ônibus que executava o trajeto rapidamente, já que as distâncias não eram tão significativas. No que diz respeito à relação família e escola, ficou evidente a existência de um bom relacionamento, em que o contato entre pais e professores era de muito afinho.

Para estas crianças, a escola se caracterizava como um dos espaços mais significativos para elas no bairro. Ali se comungava o aprendizado, as redes de socialização com os pares, um lugar para brincar e também uma mediação com as diferentes culturas e com o espaço público, como igualmente revelado no estudo de Pretto (2015). A aprendizagem da leitura e da escrita eram vistas por estas crianças como atividades importantes de garantia de uma vida melhor e, ainda que tivessem uma boa relação com este espaço e com os professores, para elas, a escola também era “chata” em certas situações. Em especial, atividades como copiar muito do quadro, produzir textos extensos e ter que seguir algumas regras que discordavam, quando não compartilhavam de interesses em comum entre meninos e meninas e, sobretudo, quando aconteciam episódios de *bullying*. Ou seja, a escola aparece com toda a carga socializante, onde fazem parte também da vida infantil, os conflitos, as inimizades, o sofrimento na relação com o outro, as exigências.

Por outro lado, no cotidiano escolar demonstravam autonomia e liberdade frente ao uso do espaço e dos instrumentos coletivos ali dispostos. Implicavam-se no cuidado dirigido a este ambiente, aos objetos, à horta, ao espaço coletivo.

Cabe ressaltar, que a postura pedagógico-político da escola certamente favorecia esse processo, na medida em que, conforme pudemos presenciar, o corpo docente/direção promovia, acima de tudo, reflexões junto aos alunos sobre suas posturas, consequências de suas ações e a consciência de pertencer a um espaço coletivo e da importância de cuidá-lo. Isso não isentava que essa mesma equipe também se deparasse com essa infância “resistente”, que almejava muitos direitos e poucos deveres (em algumas circunstâncias em que eram mais exigidos com atividades não imediatamente prazerosas para elas).

Portanto, a escola, igualmente, é um local muito importante de socialização e constituição, uma vez que apresenta complexas e novas redes de relações e serve de mediação entre os sujeitos e diversos tipos de dispositivos culturais existentes no social. No caso da escola em questão, nota-se o quão importante é o seu papel para a disseminação de manifestações artísticas e culturais que acontecem no bairro. Projetos internos (teatro, dança), bem como externos (oficinas oferecidas pela Associação Baiacu de Alguém, por exemplo e passeios a pontos de cultura na região), chegam ao conhecimento das crianças de forma mais eficiente utilizando a escola como uma mediação possível.

3.1 A relação grupal: divergências e conflitos

Um ponto a se considerar na relação com as crianças é a forma como elas interagem entre si, ou seja, o modo como constroem vínculos de afeto, alianças de solidariedade e divergências também. Essas interações nos interpelam, enquanto adultos que dialogam com crianças e, sobretudo, que pode ser mediação significativa diante de situações que elas ainda apresentam dificuldades de compreender e resolver sozinhas. Essa turma, especificamente, apresentava importantes conflitos e divergências entre os pares, em especial no tocante às diferenças de gênero, o que os lançava à competições, provocações e embates. Estas diferenças tornavam-se determinadoras na divisão dos grupos para a realização das atividades propostas, no cuidado com a aparência, no modo de se comportar diante do grupo, nos vínculos para com os pares, seja nas relações de amizade ou na aparição de outras formas de perceber o outro, como afetivo-amoroso. Ali, a cultura de pares que se manifestava, evidenciava que as meninas estavam preocupadas com o namoro e aparência e os meninos com os jogos, brincadeiras e pertencimento a grupos (futebol e jogos *online*).

A divergência acirrada entre grupos de meninos e meninas, refletia na qualidade da própria oficina pois, em alguns momentos, as discussões das crianças levavam a resistências para fazer as atividades propostas, trabalhar em conjunto, finalizar ações, etc. Outro aspecto característico da turma era o desejo em priorizar sempre as brincadeiras em detrimento da realização das atividades propostas, já que entendiam que ser criança “é brincar” e, que portanto, teriam direito a fazer o que quisessem ou tivessem “vontade”. Possivelmente isso refletia nas habilidades com a escrita, caracterizadas para algumas crianças como deficitárias.

Para que pudessemos intervir, mas também aprender com o que as crianças nos comunicavam, encontramos em Sartre (2002) uma abertura reflexiva sobre as relações. Para o autor, quando o “nós” se constitui, isto é, a possibilidade de ser-com-o-outro, um compromisso entre si e o outro é firmado; uma reciprocidade que tece identidade através da qual é possível compartilhar projetos e tomar decisões conjuntas. A partir disso, convidando as crianças a pensarem sobre os conflitos em curso, em grupo, pudemos abrir a conversa e falar sobre diferenças, respeito e a possibilidade de serem-com-os-outros, criando, assim, uma identidade enquanto grupo.

Destaca-se que mesmo com os embates, era possível perceber e denunciar às crianças os interesses comuns que compartilhavam. Uma vez que o universo das brincadeiras (pega-pega, futebol, dobradura, queimada) e as identificações de amigos e de grupos evidenciaram o quanto a infância é expressa no movimento, socialização entre pares e autonomia para circular por onde há desejo. As brincadeiras, o lúdico, a fantasia, os jogos além de apresentarem conteúdos culturais e serem importantes no processo de subjetivação, inserem as crianças em relações sociais, ao mesmo tempo que lhes coloca

em uma relação de diferenciação de si para com o outro, isto é, a evidenciação da diferença e presença no mundo (CASTRO, 2001).

3.2 A apropriação do bairro pelas crianças e a participação na produção da cultura local

Nos passeios e andanças pelo bairro, percebeu-se que as crianças tinham significativos conhecimentos dos espaços do bairro, elencando como lugares de referência: escolas, centro de saúde, terminal, associação, Sesc Cacupé, Igreja (catequese), locais onde efetivavam atividades como judô, ballet e futebol, parque, praia. Também demonstravam autonomia no trânsito pelo bairro, desde a saída e volta da escola, domínio e segurança na utilização do transporte público, reconhecimento de espaços de comércio e pontos da natureza local.

Essa inserção certamente era promovida pela família, mas também pela escola, levando a uma construção social das crianças ligadas a identidade social do bairro, embora isso fosse vivido de modo espontâneo pelas crianças, como é próprio da infância, e pouco apropriado reflexivamente, de modo crítico, por elas (PRETTO, 2013). Nesse sentido, conforme aponta Santos (2008, p. 30-31), é preciso considerar a indissociabilidade do espaço, uma vez “que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”. Assim, as crianças vão atribuindo sentido à realidade e constituindo-se em arranjos singulares no território.

Interessante notar, com isso, que as crianças não se enxergavam enquanto sujeitos participantes na produção de cultura, pois, durante a realização de algumas atividades propostas, apresentavam dificuldade em associar os espaços de cultura no bairro e também de identificar práticas culturais que elas próprias realizam. Algumas crianças que faziam a oficina, também participavam de outras oficinas de esporte ou artes, como vimos, mas quando discutimos acerca da participação deles na produção de cultura local e de atividades presentes no bairro, eles não mencionaram essas atividades. Esse elemento também esteve presente nos trânsitos pelo bairro, mesmo as crianças já conhecerem os espaços da Associação de Rendeiras, A sede da Associação Baiacu, o ateliê de um artista plástico local, não faziam referências a produção de cultura que estavam imersos.

No entanto, a forma como as crianças demonstravam apropriação do território, era na relação que estabeleciam com o espaço público do bairro. Evidenciaram, nos momentos de trânsito pela região, o quanto percebem as transformações no bairro, em especial, no que se refere a violência, o tráfico de drogas e a falta de segurança. Algumas tinham histórias para contar em relação a esses elementos por conta de experiências de familiares e de conhecidos ou por eles próprios terem vivido alguma situação, o que gerava uma relação com o espaço marcada por certa tensão.

De modo mais direto, esse aspecto foi denunciado por várias crianças na relação de medo e de receio que demonstraram estabelecer com a escola maior do bairro, recusando-se a, inclusive, entrar na escola (nossa proposta era de entrar para beber água e conhecer o espaço rapidamente; já tínhamos a autorização da diretora da escola, que os recebeu alegremente, uma vez que futuramente é provável que a maioria das crianças – dirigindo-se ao ensino fundamental II - passe a frequentar essa Instituição). Para as crianças, naquele espaço as situações de violência seriam evidentes, sendo que associavam o mesmo com jovens ligados a violência e ao tráfico no bairro. Outra situação apareceu nas andanças por alguns trechos do bairro em que duas crianças disseram não poder circular por certas ruas, por conta de desavenças com certos grupos.

Além disso, a relação com a praia também aparece como uma referência importante para estas crianças, mas frequentemente relacionadas a momentos de lazer, aos finais de semana e ao verão. As ruas do bairro eram outro ponto de destaque na vivência dessas crianças. Seja andando ou acessando os equipamentos de transporte público, elas demonstravam compartilhar dos signos e linguagens próprias desse espaço social.

Em suma, destaca-se o quanto a cultura nasce através das ações humanas diante do mundo e das respectivas significações atribuídas a estas ações. Neste sentido, o ser social se desenvolve no processo de contato e significações dos elementos culturais existentes. Este contato acontece dentro das relações intersubjetivas estabelecidas nos grupos humanos, ou seja, os outros são mediações necessárias para a constituição humana na medida em que promovem apropriação destes elementos culturais (PINO, 2005). A criança e suas ações, portanto, não podem ser vistas como isoladas, uma vez que toda ação humana, carregada de significados, produz ou reproduz cultura dentro de uma sociedade. Desta forma, enquanto sujeito no mundo, a criança impulsiona modificações, tanto na sua constituição subjetiva e singular, quanto na organização sociocultural da qual ela faz parte (CASTRO, 2001).

3.3 O que anunciam sobre necessidades do bairro

Quando foi realizada a atividade relacionada às necessidades da cidade e do bairro, num primeiro momento as crianças tiveram dificuldade de falar. Com a ajuda de um vídeo que ilustrava características dos espaços públicos das cidades, num segundo momento, apareceram falas caracterizando aspectos necessários para uma boa cidade, mostrando que também nesse âmbito as crianças têm percepções convergentes com necessidades da realidade social e cultural da qual participam. Apontaram a questão das placas de identificação das ruas (umas das situações apresentadas no vídeo) e como ficavam altas e de difícil leitura; problemas relacionados às condições das ruas e calçadas, pois é perigoso; poluição do mar, pois é um local bastante utilizado como lazer pelas crianças e suas famílias. Quando solicitadas a escrever de modo fictício uma carta ao prefeito com solicitações, reiteraram esses aspectos e acrescentaram: a necessidade de parques e brinquedos; o

cuidado e a manutenção da escola como responsabilidade da prefeitura, “mandar dinheiro para a escola”, para a comida, material escolar, produtos ligados à higiene. Esta infância, também ciente das lacunas do espaço que vive, quando reivindica necessidades a serem atendidas no bairro, anunciam apropriação reflexivo-crítica da realidade e salientam o quanto se constituem enredadas nessa materialidade que convoca responsabilidade e cuidado sobre ela (CASTRO, 2001; SCHNEIDER, 2011).

3.4 O que as crianças apontam sobre suas infâncias: o consumo e as mídias

A natureza era um aspecto presente em todos os espaços de circulação das crianças. Entretanto, apesar das possibilidades de contato com ela, as crianças também anunciavam que ficar em casa implicava em prazeres de interesse, como: dormir, assistir televisão e usar a internet com o computador/*tablet*/celular para jogar e usar o *WhatsApp* para conversar com amigos. Algumas dessas crianças tinham por hábito jogar *online*, consumir conteúdos de vídeos da plataforma *Youtube* e, especialmente, havia crianças que possuíam canais nesse espaço e divulgavam aquilo que sabiam sobre certos jogos virtuais.

Essa relação com o espaço da casa e o uso das redes de tecnologia da informação, demonstra uma das características da contemporaneidade, a qual submete as pessoas há inúmeros estímulos e, que, muitas vezes, marcam contradições entre as relações mediadas pelas tecnologias e as práticas de sociabilidades mais tradicionais. Com base em La Pena e Orellana (2007), compreendemos a importância em observar não apenas o acesso que se tem à tecnologia, mas o diferente uso que é feito dela e, sobretudo, o seu significado na vida do sujeito. Na experiência da infância, o uso de aparelhos eletrônicos e da internet, representam mais do que uma simples brincadeira; a tecnologia passou a representar também a expressão cultural da infância.

Apesar da presença das brincadeiras tradicionais, o uso da tecnologia difundia-se no cotidiano das crianças, também, para além do espaço familiar. Essa configuração revela como a internet e as tecnologias têm marcado novas formas de subjetivação, pois a velocidade das informações e a capacidade de transmissão de várias notícias são maiores. Estas crianças, para além do espaço físico, estão inseridas também em um espaço e isto impacta no processo de constituição, uma vez que a noção de tempo, espaço e distância se transformam (PEREIRA JUNIOR, 2011).

Outro aspecto que permeia a vida dessas crianças é associado ao discutido acima, o próprio consumo - de mídia, de alimentos, de brinquedos e de lazeres. As crianças faziam muitas referências ao comprar, tanto nas conversas na escola em que algumas crianças levavam balas, chicletes, balões, ostentando o fato de ter comprado e de poder ou não distribuir aos colegas; nas andanças pelo bairro em que queriam levar dinheiro para comprar algo (em geral guloseimas) nas vendas, e na própria indicação que fizeram sobre formas de diversão, os lazeres programados como visitar o parque de diversões famoso na região, o Beto Carrero, outros parques aquáticos, *shoppings*. Isso evidencia, o quanto essa

infância no bairro, que está submetida ao ritmo acelerado da urbanização, se constitui na ânsia da sociedade do consumo também.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As andanças pelo bairro, assim como as atividades na escola, proporcionaram a estas crianças compartilhar os sentidos construídos em suas vivências e cultura de pares sobre a realidade em volta: a natureza, escola, cultura, brincadeiras, espaços do bairro. Em cada encontro e trânsito que fizemos junto com este grupo de crianças pelo bairro, pudemos perceber que estas crianças reconhecem a escola como um lugar importante, que possibilita o acesso à cultura e garante ser alguém na vida; demonstraram conhecimento do espaço de seu bairro, destacando a relação com a natureza como central em suas vivências; revelavam que o cotidiano vivido no bairro, escola, vizinhança e eventos locais permitiam um sentimento de pertença, também revelado a partir de histórias acerca de moradores locais. Por outro lado, manifestaram em suas conversas o quanto são capturadas pelas mídias eletrônicas e pela ânsia pelo consumo e pelos lazeres prontos. Esses achados assinalam o quanto aquelas crianças estavam inseriam-se em uma cultura universal, associada ao alcance das tecnologias e, sobretudo, nos espaços de seu bairro e cultura local, que era permitido pelo fato das famílias viverem há muito tempo no bairro e pelo incentivo da escola. Isso nos dá margem para ampliar discussões e pesquisas sobre as noções de participação infantil e de comunidade.

Em suas falas, estas crianças muito comunicavam sobre características de suas experiências de infância na contemporaneidade, em especial neste território localizado no município de Florianópolis. Sobremaneira, pela efervescência de seus movimentos e das brincadeiras que, constantemente, nos solicitaram presença e nos convidam a brincar também, estas crianças demonstravam que a identificação do ser criança que faziam, tinha associação direta entre a criança e o brincar. No acontecimento que é a infância, ignorar o tanto de significações que são expressas na brincadeira, tornaria a oficina etnográfica que construímos mais desinvestida daquilo que pulsava para estas crianças e reduziria as possibilidades de compreender o que as crianças comunicam em ato.

Diante dessa trama, percebemos o quanto a constituição desse grupo coaduna com uma identidade social do bairro – de famílias nativas e populares, do contato com paisagens históricas e culturais, dos espaços de arte e incentivo à arte, como a Associação Baiacu de Alguém; de aspectos urbanos como a circulação de transportes; de articulações sobre o que viam do tráfico, violência e segurança e, especialmente, nos comunicaram a presença significativa de relações de consumo. Todos estes aspectos evidenciam o quanto as linhas de mediação entre crianças e seus pares e crianças e adultos de seu convívio, sedimenta um pertencimento à cultura local. Visto que, dessa forma se pode ampliar as possibilidades de laço social com a cidade e as percepções mais incorporadas pelas crianças sobre o que

significa a criança participar da cultura, produzir cultura e estar consciente da realidade local.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Lucia Rabello de (Org.). Da invisibilidade a ação: crianças e jovens na construção da cultura. IN: **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2001, p. 19-46.

CEPPI, G. ZINI, M. **Crianças, espaços, relações**: como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso: 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**: Santo Antônio de Lisboa. 2010. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/santo-antonio-de-lisboa.html>>. Acesso em 10 Nov. 2020.

LA PENA, Yvonne; ORELLANA, Marjorie Faulstich. An examination of latino immigrant youths' out-of-school technology practices. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 11, n. spe, p. 71-82, Dec. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 Abr. 2018.

KRAMER, Sônia. Crianças e adultos – O jardim secreto de Agnieszka Holland. In: GARCIA, Claudia Amorim; CASTRO, Lucia Rabello de; JOBIM E SOUZA, e Solange. *Infância, cinema e sociedade*. Rio de Janeiro: Raval, 1997. (p. 76 – 81).

MARCHI, Rita de Cássia. Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas. *Cad. Pagu, Campinas*, n. 37, Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 Nov. 2020.

PEREIRA JÚNIOR, Marcelo Gomes. **Subjetividade e personalidade na contemporaneidade**. Biblioteca Virtual Fantásticas Veredas – FGR, Belo Horizonte, jan. 2011, 1-18. Disponível em: . Acesso em: 27 out. 2020.

PINO, A. **As marcas do humano**. Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

PINTO, Manuel. A Infância como construção social. In: **As crianças – contextos e identidades**. Portugal. Universidade Do Minho – centro de estudos da criança: 1997. p. 30-73.

PRETTO, Zuleica. A infância como acontecimento singular na complexidade dialética da história. *Psicol. Soc., Belo Horizonte*, v. 25, n. 3, p. 623-630, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 nov. 2020.

PRETTO, Zuleica. **Crianças no contexto de um bairro em processo de urbanização na Ilha de Santa Catarina (2010-2014)**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2015.

SANTOS, M. (2008). **Metamorfoses do espaço habitado**. 6ª ed. São Paulo: Edusp.

SARMENTO, Manuel Jacinto, FERNANDES, Natália, TOMÁS, Catarina. **Políticas Públicas e Participação Infantil**. Educação, Sociedade e Cultura. n. 25. 2007.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. 3ª edição. São Paulo: Abril Cultural. 1987

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da Razão Dialética**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro RJ: Ed. DP&A editora, 2002.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

TOMAZ, Renata Oliveira. Youtube, infância e subjetividades: o caso Julia Silva. **ECCOM**, v. 8, n. 16, jul./dez. 2017. Disponível em <<http://fatea.br/seer/index.php/eecom/article/viewFile/1898/1366>>. Acesso em 23 Mai. 2018.

ZANELLA, Andrea Vieira; ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Processos de significação no brincar: problematizando a constituição do sujeito. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 127-133, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v7n2/v7n2a15>. Acesso em: 05 de nov. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 176, 177, 267

Aconselhamento Psicológico 210, 211, 213

Adolescência 22, 32, 120, 124, 125, 136, 137, 208, 209, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 264

Apagamento Lésbico 12, 13, 23, 24

Aspectos Psicológicos 65, 79, 130

Atendimento Psicológico 56, 58, 61, 64

Autoconhecimento 273, 281, 282, 290, 303, 309, 311, 312, 313

Autocuidado 67, 105, 165, 166, 178, 179, 182, 191, 192, 277, 278, 279, 280, 312, 313

Autolesão 26, 27, 28, 31, 34, 35, 36, 37

Avaliação Psicológica 127, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 145, 146, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 261

C

Compreensão Diagnóstica 74, 75, 82, 89, 90

Comunicação 57, 58, 61, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 112, 184, 186, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 212, 215, 217, 269, 271, 272, 273, 292, 317

Criminalidade 92, 93, 101, 119, 124, 252

D

Deficiência Intelectual 184, 187, 188, 189, 190, 193, 196

Depressão 2, 3, 17, 26, 27, 28, 31, 32, 36, 37, 59, 70, 104, 124, 131, 135, 180, 204, 246, 256, 287, 289, 315

Desamparo 21, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 53, 54, 55, 122

Diagnóstico 26, 27, 66, 69, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 89, 90, 143, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 176, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 236, 238, 239, 242, 243, 244, 247, 249, 250, 252, 315

Direitos Humanos 68, 92, 121

E

Entrevista Clínica 263, 264, 265

Estruturas Clínicas 1

Existencialismo 92, 98, 221, 222, 235, 286

F

Família 8, 12, 18, 21, 22, 23, 41, 50, 65, 70, 71, 82, 97, 103, 104, 110, 111, 120, 154, 166, 169, 170, 174, 175, 176, 177, 180, 183, 184, 192, 193, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 212, 223, 227, 228, 230, 248, 249, 251, 264, 265, 266, 268, 269, 270, 272, 273, 275, 287, 302, 308, 311

G

Genograma 263, 266, 267, 268, 269, 270

Gestação 119, 122, 124, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 183, 247, 251

Gestalt-Terapia 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 90, 91

Grupo de Apoio 103, 105, 106, 107, 109, 113

H

Heteronormatividade 12, 13, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 95

Heterossexualidade Compulsória 12, 13, 15, 16, 25

Hierarquia Familiar 197

I

Infâncias 221, 224, 226, 227, 232

L

Lesbianidade 12, 14, 16, 20, 21, 23, 24

M

Materialismo Histórico-Dialético 214, 215, 216

Modelo Relacional-Sistêmico 263, 264, 265, 273

Mudança 9, 56, 58, 59, 61, 62, 82, 86, 95, 97, 109, 134, 140, 197, 198, 200, 212, 222, 257, 263, 264, 269, 271, 290, 301, 306, 311, 312

N

Neuropsicologia 184, 193, 194, 195, 220

Novas Tecnologias 56, 61, 62, 63

P

Pandemia 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 53, 54

Patriarcado 12, 13, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 25, 50

Personalidades Fílmicas 1, 5, 9

Política 13, 15, 20, 21, 22, 24, 39, 42, 43, 50, 51, 52, 53, 54, 68, 69, 73, 79, 96, 104, 105, 109, 114, 180, 218, 283, 285, 317

População em Situação de Rua 103, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 114, 115
Porte de Armas 97, 102, 138, 139, 140, 154
Princípios Éticos 63, 65, 66, 68
Psicanálise 9, 10, 11, 12, 14, 16, 25, 26, 27, 33, 38, 39, 42, 46, 48, 51, 53, 59, 64, 75, 150, 286, 318
Psicofarmacologia 184
Psicologia Escolar e Educacional 214, 215, 218
Psicopatologia 18, 26, 27, 28, 31, 37, 72, 83, 90, 247, 248
Psicoterapia Online 56, 58, 59, 60, 61, 62
Pulsão de Morte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 44, 45

Q

Qualidade de Vida 68, 104, 129, 135, 166, 179, 184, 191, 192, 193, 195, 213, 260, 303, 304, 306, 307, 308, 309, 312, 315, 316

R

Reabilitação 94, 184, 187, 191, 192, 193, 195, 210, 211, 316, 317
Regulação Emocional 253, 256, 257, 258, 260, 262
Relação Médico-Paciente 65, 66, 67, 68, 69
Resiliência 277, 278, 279, 280

S

Saúde 13, 21, 24, 28, 32, 34, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 58, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 84, 99, 103, 104, 105, 106, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 132, 136, 137, 139, 142, 156, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 189, 191, 192, 193, 196, 208, 210, 211, 212, 213, 230, 239, 242, 248, 251, 252, 253, 257, 260, 261, 265, 282, 288, 303, 304, 305, 307, 308, 312, 314, 316, 317
Supereu 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 25

T

Telemedicina 65, 72
Transtornos do Neurodesenvolvimento 214, 218

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2021